

3 A Trama Política

A liberdade de linguagem não é só parcial, mas política. É sempre a liberdade de falar daqueles que possuem poder, para condenar a linguagem dos outros, em favor da linguagem representante dos valores que eles preferem, para exclusão dos valores daqueles destituídos de tal poder.

(Stanley Fish)

Quando um escritor escreve um livro, mais especificamente um romance, este ainda não é uma obra literária “viva”, pois isto só ocorre a partir do momento em que o movimento da leitura acontece, ou seja, no momento em que se instaura a intimidade entre quem escreve o texto e quem o lê. Essas leituras, por parte de pessoas diferentes, é que dão ao texto uma nova gama de possibilidades de existência. Cada olhar novo modifica o todo. Só a busca de uma multiplicidade de sentidos para um romance, que é uma condição provocada durante o processo de escrita, permite que o processo da leitura produza a perpetuação do escritor e de suas idéias.

Alguns críticos literários, neste início de século XXI, propõem a análise histórico-social do texto literário como ponto de partida para qualquer estudo, pois seria o foco deflagrador de outras pesquisas e considerações. O fenômeno literário passa a ser estudado interdisciplinarmente, pois a obra literária produz efeitos no leitor que nem sempre são totalmente perceptíveis em uma análise *meramente* teórico-literária. Seguindo essa linha de pensamento, a interpretação do texto perpassa pela interpretação do efeito deste texto, pelos sentidos que este possa causar em seu leitor.

O sentido de algumas obras literárias se constitui na própria História; com isso, cada vez que “as condições históricas e sociais da recepção se modificam, o sentido da obra muda¹”. Todos os livros permitem várias leituras, mas alguns acabam presos a um historicismo, ficam datados.

No capítulo anterior, vimos que *O Delfim*, de Cardoso Pires, é um romance que apresenta uma trama policial à superfície de uma outra trama; duas histórias imbricadas que não apresentam predomínio de uma sobre a outra. Na segunda trama, ao tratar de política, o livro não emparelha apenas a Gafeira a Portugal, lugares distintos vivendo problemas iguais, mas, principalmente, emparelha as almas de gafeirenses e portugueses. O escritor português é responsável pela criação de um cenário que permite à Gafeira representar o papel de Portugal. Nas palavras do próprio Cardoso Pires: “falando d*O Delfim*, onde está ele, o leitor ideal com quem fui discutindo linha a linha a saga desta nossa Gafeira de nove milhões de almas?²”, notamos que a aldeia de Tomás Manuel aparece com a mesma população do país comandado, à época, por Salazar.

O romance, que conta a história da Gafeira e de seu povo, foi lançado em 1968, um período em que a ditadura salazarista amplifica a repressão aos opositores do regime vigente. O livro político, dentro d*O Delfim*, independe de um conhecimento sobre a política portuguesa do fim da década de 1960, porque sempre vai poder ser entendido como um libelo contra o autoritarismo e a ditadura, em qualquer época ou lugar.

Entretanto, uma breve retrospectiva do período pode trazer nova luz à análise.

¹ JAUSS, *A Literatura e o leitor*, p. 45.

² CARDOSO PIRES, *E Agora José ?*, p.143.

3.1 Breve Histórico

Na década de 1920, a instabilidade política, a agitação social e a crise geral da sociedade portuguesa, aliadas ao estabelecimento de regimes ditatoriais fascistas em Itália e Espanha³, tiveram pesadas conseqüências para Portugal. Em 1926, o golpe militar de Gomes da Costa acabou com o regime parlamentar. Em 1928, o General Carmona foi eleito Presidente da República e em 1932 confiou a Presidência do Comissão Central, com plenos poderes, a António Oliveira Salazar. O regime reacionário que Salazar começou a edificar, a partir de 1932, o Estado Novo, durou cerca de 40 anos e baseava-se num partido único, a União Nacional, num poder executivo ditatorial, no nacionalismo, no clericalismo e, finalmente, no corporativismo, o qual impunha – com base nos modelos corporativistas cristão e italo-fascista – a colaboração entre as classes. Em 1933, foi promulgada a legislação que dissolvia as organizações sindicais existentes, estabelecendo o sindicalismo corporativo, controlado pelo “Estado forte” :

(...) outro dos slogans do regime, dirigia-se sobretudo a uma burguesia cansada de instabilidade política. Com seu habitual exagero na apreciação do passado próximo, Salazar contrapôs a antiga “desordem” à nova ordem (...) o Estado forte nasceria do robustecimento do Poder Executivo, da abolição dos partidos e dos sindicatos de classe, da manutenção da censura e da reorganização das forças armadas e da polícia⁴.

Da década de 1940 ao início dos anos 60, a ditadura, através de seus órgãos de repressão e censura e pelo controle financeiro, exercido pelo Estado, conseguiu impedir manifestações populares e tentativas de organização das massas, empreendidas tanto pelo Partido comunista quanto pelos sindicatos.

Em 1962, Portugal encontrava-se perante uma curva da sua História. O império colonial salazarista, que constituíra um dos pilares do regime fascista, começava a ruir. O início da guerra de libertação em Angola, em fevereiro de 1961, e a libertação de Goa, em dezembro desse ano, abriram uma nova frente na crise do regime, no plano nacional e internacional, e

³ Ditadura do general Primo de Rivera

⁴ OLIVEIRA MARQUES, *História de Portugal*, p. 417.

tornaram mais claro o seu caráter retrógrado e a sua incapacidade de dar resposta aos problemas do país e do povo português. No plano nacional, a ditadura ainda não se recompusera do abalo sofrido com as manifestações populares antifascistas que marcaram, em 1958, a candidatura à Presidência da República do general Humberto Delgado, como candidato da Oposição.

A ditadura salazarista, que reagira a esta conjuntura intensificando a repressão, reforçando e depurando o seu aparelho militar, policial e legislativo, não conseguiu mesmo assim, deter a luta popular.

Denunciando a farsa eleitoral fascista, apresentam-se candidatos da Oposição às eleições para a Assembléia Nacional, numa campanha de denúncia da política do regime, que culmina em grandes manifestações de protesto contra a burla eleitoral, em Novembro de 1961.

O ano de 62, com as numerosas lutas que o marcaram, constituiu o momento mais alto da luta contra o fascismo antes do 25 de Abril. Mas a luta revolucionária não se processa em linha reta e o seu êxito não depende apenas do acerto sobre o tipo de política a ser seguida pelas forças revolucionárias. Depende, também, das conjunturas e da gama de fatores que marcam, em cada fase, a correlação de forças políticas nacionais e internacionais.

Na segunda metade de 1962, o regime fascista intensificou a repressão, recuperou apoios internacionais, suprimiu, ainda mais, qualquer possibilidade de expressão legal contrária ao regime:

(...) as universidades continuaram a luta nos anos seguintes, mas com menos vigor. Completamente dividida, a Oposição deixou de constituir ameaça séria ao regime. A partir de 1962, praticamente cada ano presenciou o nascimento de mais um grupo oposicionista, em geral ligado ao Marxismo, e caracterizando-se por ataques ferozes a todos os outros grupos adversos ao regime⁵.

Esses grupos marxistas pregavam a luta armada; conseqüentemente, os anos de 1965-68 foram de forte refluxo na luta antifascista. Mas, mesmo numa conjuntura desfavorável, os comunistas, os trabalhadores, a juventude e as massas populares não deixaram de lutar.

⁵ Ibid., p. 401.

A luta reacende-se em 1968-69, na nova conjuntura criada com o afastamento de Salazar do poder, substituído por Marcelo Caetano, seu braço direito e "*alter ego*". E é com base nas experiências da luta popular de massas, e do seu reconhecido impacto no ano de 62, que o Partido Comunista Português aponta o caminho da luta popular de massas como caminho contra a demagogia liberalizante de Marcelo Caetano, criando uma situação revolucionária .

3.2 Protagonista , Coro e Antagonista

Podemos considerar a Gafeira como metonímia de Portugal, sempre levando em conta que o romance de Cardoso Pires não parece querer retratar, fidedignamente, a realidade portuguesa. O escritor português cria, na verdade, um “*patchwork*, onde o teatro do seu e nosso tempo, dividido entre um acabrunhamento inócuo e uma esperança de sonho, lhe permitiu representações da porta aberta para a rua.⁶”, ou seja, quer que sua obra atinja o maior número possível de pessoas, para que muitas destas compreendam o que *O Delfim* representa.

A trágica situação de Portugal é encenada n*O Delfim*, em uma época de censura e repressão. Desse modo, nada mais sensato do que fazer circular, pela sociedade portuguesa, fragmentos de realidade, reflexos do real. Cardoso Pires, dessa maneira, consegue narrar episódios e agruras cotidianas de forma indireta, mas sempre incisiva, através de idéias que não são vistas à superfície.

O leitor participa do espetáculo, mas não como mera claqué, pois será indiciado a percorrer entrelinhas e – como não é a trama policial que agora emerge à análise – é tentado a percorrê-las, seduzido a atuar no meio da platéia ou a assistir de dentro do palco.

Não há uma tentativa de representação do real, mas sim a apresentação de uma farsa, que dura as mesmas vinte e quatro horas de uma tragédia grega clássica. A Gafeira aparece como cenário, onde são dramatizadas as histórias do sofrido povo da aldeia e do senhor da lagoa (anti-herói, engenheiro e protagonista), embaladas por um coro bíblico. A encenação cardosiana pode ser melhor assistida/percebida através da análise destas três personagens.

3.2.1 *dente superbo*

O primeiro a vir à cena, com *status* de protagonista, é o próprio personagem-título: Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro e muitas coisas mais.

O marido de Maria das Mercês, dono da lagoa e, por extensão, dono de tudo que há na aldeia, moradores inclusive, tem noção das privações do povo, mas só tem olhos para seus animais e divertimentos. O dono do Jaguar está deslocado, por não se ter adaptado às novas diretrizes que, à época, passam a reger as relações entre os que têm poder e os que dele estão destituídos. O último dos Palma Bravo acaba sendo sufocado pela própria teia de poder que, durante muitos e sofridos anos (para todos a sua volta), ajudou a tecer.

Cardoso Pires, no ensaio “visita à oficina”, comenta a situação de Tomás Manuel:

Um momento, porém. Trata-se dum delfim sem coroa, de um exilado na lenda, e isso altera o jogo dramático. Mais grave ainda: o homem em causa sabe-se condenado e, para maior desgraça, a derrocada não lhe veio pelas mãos dos inimigos declarados. Se o destronaram e o puseram a monte, deve-o a partidários, como ele, da ordem paternalista, legisladores da cruz e do privilégio que, tempos são tempos, decidiram adaptar-se às novas voltas do mundo. Simplesmente, perante as <<atualizações>> irremediáveis que ocorrem no interior e em defesa ainda do antigo contexto salazarista, este Delfim 1966 encontra-se demasiado rígido e destituído de influência para fazer a reciclagem salvadora.⁷

A maneira, de certa forma tranqüila e estável, com que certas figuras mantêm seu poder, nem sempre faz delas pessoas/instituições preocupadas com uma possível perda desses privilégios. Uma possível onda revolucionária, no caso específico do engenheiro, parecia impossível. A criação de uma cooperativa para o gerenciamento da lagoa só acontece após as duas mortes e o desaparecimento de Tomás Manuel. A organização de trabalhadores brota do esfacelamento dos Palma Bravo, causado por eles mesmos (engenheiro e esposa). O povo da Gafeira não teria condições de arquitetar um golpe institucional, a (re)tomada do poder e de suas vidas. O engenheiro não perde o poder por uma ação engendrada com esse fim específico, ele perde o poder por não conseguir ler o que se passa à sua volta.

Os fatos ocorridos não foram resultado de uma revolução ou obra do destino. O engenheiro foi lançado “à destinação, àquilo que tem uma

⁶ LOURENÇO, JL, p. 15.

⁷ CARDOSO PIRES, *E Agora José ?*, p. 160.

finalidade clara, conceito oposto ao de destino, isto é, o que tem uma destinação secreta⁸". Apenas o destino é inexorável, ou seja, todos os acontecimentos seriam perceptíveis a uma pessoa mais preocupada com as "pessoas vivas" e o momento presente, do que com histórias ancestrais. A empáfia e a certeza da própria invulnerabilidade tornam o último dos Palma Bravo um ser avesso às questões das quais não seja, ele próprio, o centro das atenções.

Homens com poder (político e/ou monetário) constantemente iludem as pessoas com um discurso populista e fantasioso, mas o que verdadeiramente fazem é manter as estruturas sociais, manter os exploradores no comando. Tomás Manuel procura passar uma imagem de bom patrão que exige apenas respeito de seus subalternos e que sempre dá a eles muito mais do que merecem, esforça-se em "agradá-los" com um discurso de falso interesse. Assim, o engenheiro quer parecer atento aos problemas dos desvalidos:

O Engenheiro puxa a velha para junto dele, abraça-a pela cintura. "Aninha sabe o que é poesia de cornos, *c'est-à-dire, la véritable poésie des cocus?* Não sabes, está-se mesmo a ver. Pois então, Aninha estás lixada. Vai buscar um banco e come aqui com a gente."⁹

Esse falso interesse nubla a percepção real do que realmente está acontecendo. Para o dono do Jaguar, a aldeia, Maria das Mercês, os desvalidos ou qualquer sopro que sinalize mudança, nada disso importa, apenas ele-engenheiro e suas ramificações (sua honra, seus cães, seu carro, sua lagoa, seu passado de glórias vivido por outras pessoas) são passíveis de atenção.

Impossibilitado de evitar a própria ruína, o engenheiro vive da repetição de discursos antigos, sempre às voltas com narrativas e histórias exemplificadoras do poder de sua família. As aventuras dos Palma Bravo, na voz de Tomás Manuel ou pela monografia, asseguram à família a eterna posse da Gafeira (lagoa e pessoas). Os feitos comprovam e atestam essa autoridade ancestral. O grande problema é que o marido de Maria das Mercês não é o protagonista de história alguma, apenas repete discursos e

⁸ BAUDRILLARD, *Senhas*, p. 66.

⁹ CARDOSO PIRES, *O Delfim*, p. 85.

esse procedimento não lhe concede forças para (tentar) impedir o esfacelamento do seu controle.

O dono do Jaguar falha como marialva, porque não tem filhos ou mulheres, e desaparece como figura de autoridade, para ressurgir como Infante, na voz do cauteleiro, o qual não vê mais motivos para ter medo de retaliações provenientes de um homem fragilizado, desonrado em sua própria casa. Tomás falha também como administrador (pois não se preparou para um presente que, aos seus olhos, se confundia com o passado) e falha, ainda, como filho/neto, marido. Aparentemente não tem vitórias pessoais, só derrotas públicas. O engenheiro representa uma figura de ordem, cujo presente é apenas glorificação de um passado que não encontra mais respaldo/aceitação. Ele já não tem mais tempo no presente.

Em dado momento, o escritor-furão compara um cosmonauta americano, desbravador espacial, com os navegantes do passado português. O glorioso passado de uma nação descobridora de caminhos e mundos novos, que assombrava a todos com a coragem de seus filhos. Esses aventureiros ágeis e voluntariosos eram a representação individualizada e física de Portugal, símbolos de uma nação à frente de seu tempo. Hoje, os tempos são outros, os portugueses/gafeirenses aparecem no *Delfim*, entre outras representações, como lagartixas, animais, que estão no planeta desde sempre, de movimentação inconstante (ora ligeiros, ora estáticos).

Em verdade, o movimento da lagartixa é o sinal de mudança para o povo e de ruína para o engenheiro, é o símbolo do “tempo português”. Ainda no terreno das representações, a Gafeira, parada no tempo, pode representar esse Portugal estático, estagnado, condenado a viver de glórias ancestrais, assim como o engenheiro.

Como nos diz o narrador: “de raciocínio em raciocínio irei longe, darei voltas para chegar à casa do Engenheiro conquistada pelas lagartixas, que são, para mim, o tempo (português) da História.¹⁰”. Aqui, os répteis voltam à movimentação. A mesma liberdade que permite ao cauteleiro-lagartixa chamar de “Infante” ao Senhor da Gafeira, retira da inércia as outras lagartixas. O tempo português atual clama por indivíduos que transformem o país, ao despertar de anos de imobilidade. Os maridos das

viúvas dos vivos, por exemplo, travam contato com novas realidades sociais: transistores, o surgimento de uma fábrica, jaquetas estrangeiras, tudo isso mostra que o futuro se aproxima, cada vez mais, de um lugar em mutação, que almeja reviver. O Engenheiro que tolhia o pensamento do povo “foi acabado” e, em consequência disso, o presente “de raciocínio em raciocínio” deve ser uma busca incessante de liberdade.

3.2.2 A Igreja Monográfica

Como faz valer seus “direitos” através de uma autoridade incontestável que remonta a seus ancestrais, o engenheiro mantém seu poder sobre um povo que não tem condições de efetuar uma revolução, em prol da democracia. Os indivíduos que detêm o poder (os meios de produção) lutam pela sua manutenção através do uso da máquina ideológica, militar e religiosa. As aventuras dos Palma Bravo são, historicamente, embaladas pelo coro glorificante da Igreja, representado pela *Monografia do Termo da Gafeira*. Este livro acompanha toda a narrativa, marcando o ritmo e servindo como referencial histórico-bibliográfico do passado da aldeia. Entre outros fatos explica o castigo divino sofrido por uma Gafeira ancestral e pagã:

Desta terra da Gafeira quis a Providência fazer exemplo de castigo. Porque sendo dotada de águas boas na cura das feridas malignas e de abundante e saboroso pescado, não a redimiou o senhor com a vara de sua Altíssima Clemência, a qual tem duas pontas e são a do castigo do século e a do arrependimento cristão. E estas pontas são de fogo e de mel e conduzem à absolvição no dia em que das entranhas da Gafeira desaparecer o último sinal de paganismo bem como dos festins e orgias que se levaram a efeito nas termas romanas¹¹.

A maldição garante que a salvação dos mortais só pode ser obtida pela fé irrestrita na Igreja e nos padres, que eram vistos como sábios, intelectuais. O discurso dos clérigos, por mais vazio (ou esvaziado) que fosse, era considerado como uma verdade absoluta, pois os homens do clero são a própria voz de Deus na terra. A fé e o baixo nível cultural do povo

¹⁰ Ibid., p.168.

¹¹ Ibid., p. 34.

ergueram/consolidaram o altar de poder em que se encontra a Igreja, porque os desprovidos não contestam ou lutam, apenas esperam a ajuda da providência divina. Os males que assolam suas vidas são considerados provações que asseguram um lugar no céu, abrem caminho para a vida eterna ao lado de Deus. A ignorância pela falta de instrução alia-se a que é fomentada pela igreja, para justificar as agruras vividas no âmbito terreno. Tanto a Bíblia, quanto a Monografia são utilizadas como instrumento apassivador de qualquer desvio que possa comprometer a “índole” pacífica e dócil do povo.

Para a Gafeira, a monografia funciona como um elemento legitimador da situação social de seu povo, pois embasa historicamente, segundo o Abade, os Palma Bravo como os verdadeiros senhores de tudo, século após século. Os habitantes parecem conformados com essa “verdade histórica”, afinal fatos são fatos. Cada leitura das aventuras dos antepassados do engenheiro reafirma o que todos sempre souberam:

O livro do Dom Abade pesa-me na mão (...) a páginas tantas entra-se na idade dos varões lavradores. “Subiu este lugar no conceito do Paço e do Reino mercê de alguns honrados que o povoaram e protegeram com seu braço, mormente os da casa dos Palma Bravo.” (...) “Os oito fidalgos de bom coração”¹²

O povo é oprimido por uma ordem religiosa, decaída moralmente, que dá suporte a um regime ditatorial. A única solução é apelar para a fé verdadeira (que vive em choque com a corrupção clerical), um sentimento real de gente devota, que reza para que surjam mais “Padres Novos”. Para essas pessoas, felicidade é carregar no coração a esperança de viver com um pouco mais de dignidade, pois a realidade é outra:

Os uivos esfarrapavam a ladainha e, naturalmente, haviam de chegar à igreja, que era acanhada e de madeiros pintados, igreja pobre como se depreende. Aí abalariam os camponeses na sua fé ensonada, inquietávamos (e não se esqueça que momentos depois, eu iria presenciar o desfile daquela gente à saída da missa – posso vê-la portanto lá dentro: os homens de pé, as mulheres de joelhos. Filhas-de-Maria, de rosário nos dedos; rapazes com transístores e blusões de plástico recebidos de longe, dum cidade mineira da Alemanha ou das fábricas de Winnipeg, Canadá; moças de perfil de luto – as viúvas dos vivos, assim chamadas – sempre a rezarem pelos maridos distantes, pedindo à Providência que as chame para junto

¹² Ibid., p. 56.

deles e, uma vez mais, agradecendo os dólares, as cartas e os presentes enviados¹³.

A reza acaba funcionando como distração e conforto para a alma, mas, na prática, a Providência Divina se manifesta sob a forma da tragédia que irrompe do seio dos Palma Bravo e destrói seu último filho. Nenhuma das “moças de perfil de luto” ou algum dos rapazes vestidos de plástico reza pela queda do Engenheiro, eles rezam agradecendo a Deus por tudo que têm e pedindo que este pouco não lhes falte. O “coro trágico” da Igreja soa tão alto que não permite aos pacatos gafeirenses perceberem sua triste situação e os desmandos responsáveis por ela. A queda de Tomás Manuel e a figura do Padre Novo, símbolo de renovação e esperança, parecem estabelecer novos rumos para a relação do povo com a Igreja e podem representar um tempo onde não apenas no ato de rezar se encontra paz.

3.2.3 Povo

A narrativa começa com o escritor-furão tecendo comentários sobre o largo da Gafeira. Sua preocupação é com o abandono atual de um local onde há cinquenta anos atrás havia um arraial. Na encenação da realidade portuguesa, proposta por Cardoso Pires, os tempos alegres do largo da aldeia remontam à época portuguesa anterior à ditadura salazarista. Esse procedimento fica mais claro com a seguinte a descrição da muralha que ladeia o largo:

Diariamente, ano após ano, século após século, essa muralha, mal o sol se firma, envia a sua sombra para o terreiro, arrastando uma outra, a da igreja. Leva-a envolvida, viaja com ela pelo deserto de buracos e de pó, cobre o chão, arrefece-o, e ao meio-dia recolhe-se, expulsa pelo sol a pino. Mas a tarde é dela. À tarde a sombra recomeça a invasão, crescendo à medida que a luz enfraquece. Tão escura, observe-se, tão carregada de hora para hora, que parece uma mensagem antecipada da noite; ou se preferirem, uma insinuação de trevas posta a circular pela muralha em pleno dia para tornar o largo mais só, deixando-o entregue aos vermes que o minam.

Assim, o enorme paredão figura mais como vulto, fantasma familiar, do que propriamente como muro¹⁴.

¹³ Ibid., p. 35.

¹⁴ Ibid., p.31.

Cardoso Pires é um escritor que sempre apresenta idéias e situações de maneira velada, com isso o leitor deve, atentamente, tentar decifrar o que está realmente por trás do que é mostrado, mas deve ficar claro que a ditadura portuguesa era realmente chamada de “sombra” e de “noite”, pelos opositores do regime vigente. Da mesma forma, vulto remete a Salazar, ou seja, na citação o criador de *O Delfim* aproxima ao máximo a realidade portuguesa da gafeirense. Para não deixar dúvidas sobre o tipo de representação que pretende, o escritor europeu afirma que o muro deve ser encarado como um fantasma familiar – figura corriqueira na vida do povo e responsável por suas agruras. A sombra, que traz solidão, deixa largo e Portugal entregues aos mesmos tipos de vermes.

Mais adiante, a utilização da analogia com seres repugnantes para a representação das figuras ditatoriais reaparece na figura de uma mosca, que é um inseto corriqueiramente associado à sujeira e doenças, um parasita, que não se adapta à vida coletiva. Popularmente, mosca é um indivíduo inoportuno. Tomás Manuel, parasita e causador de males, pode ser a figura agraciada com a alcunha, no seguinte pensamento de nosso narrador: “quando morre uma mosca nascem mil formigas.¹⁵”

Paralelamente, os habitantes da Gafeira podem ser encarados como formigas, insetos que vivem em um esquema de cooperação, cada um exercendo uma função específica para a sobrevivência da comunidade. Com a mosca viva, os gafeirenses não tinham como se organizar adequadamente. Essa comparação mostra a maneira como o meio sócio-econômico influencia diretamente a vida dos personagens. Assim, o entendimento da situação social é um ponto fundamental, pois as relações entre os indivíduos são, muitas vezes, marcadas pela classe social a que pertencem. *NO Delfim*, trabalhadores são obrigados a abandonar suas famílias para procurar trabalho em outros países, porque a lagoa, que poderia ser uma fonte de renda, é dominada pelo engenheiro, que proíbe seu usufruto pelos habitantes da aldeia. A Gafeira é uma região rural, mas não há emprego na agricultura para todos, aos camponeses só resta a alternativa da indústria, ainda em fase de implementação naquelas terras, ou tentar a sorte no exterior.

Podemos encarar esse episódio como o reflexo de um Portugal da década de 1960, atrasado e agrário, isolado em seu provincianismo, o que impede tentativas de industrialização. Salazar promovia a idéia de um Portugal solitário, de um país que mantinha sua integridade, por ser um paraíso bucólico, longe da perversão que assolava outras nações, e que não poderia ser corrompido por uma industrialização inconseqüente, por máquinas que destituíssem os homens de seus empregos na lavoura. Esse pensamento reforça uma não-necessidade de qualificação profissional dos trabalhadores, inclusive porque “quanto menos culto for o trabalhador menos propenso à organização ele será.” Este é um dos mandamentos de uma classe dominante que quer permanecer no poder indefinidamente. Nas palavras da hospedeira, alvo ideal para esse tipo de pensamento salazarista, com relação aos trabalhadores que vão tentar a sorte no exterior, percebemos o quanto o discurso populista manipula as pessoas de baixa instrução: “luxo e desgoverno. Foi a ânsia de luxar que atirou com tantos emigrantes daqui para fora...”¹⁶

Nesse trecho, fica evidente que a máquina ideológica aparece como instrumento de dominação; os desprovidos acatam as explicações para seu infortúnio, não têm capacidade de perceber a injustiça da situação ou não sabem como se rebelar de maneira eficiente para modificar a estrutura opressora vigente.

Os habitantes da Gafeira são *qualificados* como camponeses-operários, porque são o retrato de uma agricultura decadente, pelo menos quanto à geração de empregos, ao mesmo tempo que não podem ser considerados operários porque o início das atividades industriais na região não garante trabalho a todos eles. Eles são apenas mão-de-obra desqualificada e, conseqüentemente, barata. Nessa oscilação entre indústria e campo, alguns trabalhadores acabam passando fome.

A falta de trabalho acaba isolando o indivíduo, que passa a ter de exercer qualquer função, sofre humilhações e acaba explorado, para continuar sobrevivendo. Não há espaço ou disposição para questões coletivas, porque tentar fazer parte de uma estrutura coletiva tem o mesmo

¹⁵ Ibid., p.109.

¹⁶ Ibid., p. 56

significado, para esses indivíduos, que dividir misérias e humilhações. Com fome ninguém pode/consegue interessar-se pelo próximo. A criação de sindicatos, cooperativas, reuniões de classe ou partidárias, pressupõe trabalhadores empregados e/ou conscientes. Na Gafeira/Portugal, a minoria que comanda os destinos e vidas de uma maioria de desletrados famintos usa um arsenal de instrumentos de opressão (financeira ou física) para se manter onde está.

O Estado, assim como seus consolidadores, busca despolitizar a sociedade, tornando-a alienada e dócil. A propaganda estatal, no caso português, tem como objetivo atingir as classes mais baixas com promessas ilusórias, uma delas a de que Portugal era um país com uma vocação divina, predestinado a guiar todos os outros países à vida celeste, a um paraíso católico, porque o povo lusitano, nas palavras de seu presidente, tem na família a base de sua organização. O discurso oficial/estatal pregava que os portugueses estavam isolados, até mesmo, por darem mais atenção aos “seus” do que às tecnologias e modernidades insípidas, desnecessárias e desviantes do caminho da fé. O povo português estava “ilhado”, em sua bondade, num mar de paganismo. Para Oliveira Marques:

na década de 1950, certo reviver de fanatismo levou à definição constitucional da religião católica como “religião da Nação portuguesa”(...) coisa que o texto original de 1933 havia cuidadosamente evitado. Mais do que qualquer atitude clerical, Salazar insistiu antes na sua convicção de defender a “civilização cristã e ocidental” e de criar um Estado bem apetrechado para tal fim (...) Salazar apresentou-se, diversas vezes, como profeta nas tragédias do mundo, que ele atribuía ao abandono, pelos dirigentes políticos do mundo ocidental, dos autênticos valores da civilização do Ocidente, e pela sua rendição às forças do mal. Estas forças resumiam-se, claro está, no Comunismo¹⁷.

Esse tipo de discurso tem como objetivo principal salientar o esforço dos detentores do poder em “preservar” as tradições e o povo. Salazar se apresenta como o patriarca da casa portuguesa: duro, porém justo. Suas atitudes são tomadas, sempre acreditando que sua voz será suficiente para acalmar os ânimos mais exaltados – se não conseguir, a força resolverá. Ele sempre buscou, em verdade, doutrinar o povo, educar seus filhos, que deviam perceber que levantar a voz para quem lhes dava tudo o que

¹⁷ OLIVEIRA MARQUES, *História de Portugal*, p. 455

possuíam era errado. Esse fato deve ser encarado como prova de pura ingratidão de uma gente mimada. “Luxo e desgoverno”, como diria a hospedeira.

Em uma das últimas imagens do romance, os habitantes da aldeia festejam o domínio da lagoa, com um banquete de enguias fumegantes. É esta fumaça de celebração que enevoa o céu da Gafeira. O fumo da opressão transfigurado em fumo da liberdade, pois “toda festa é uma demonstração de poder”. Cardoso Pires faz o povo gafeirense alcançar a liberdade de forma indireta e não por uma ação orquestrada, mas parece dizer-nos: não precisa ser sempre assim.